

E proclamo também: Primeiro:/O super-homem será,/não o mais forte,/mas o mais completo!

E proclamo também: Segundo:/o super-homem será,/não o mais duro,/mas o mais complexo!

E proclamo também: Terceiro:/o super-homem será,/não o mais livre,/mas o mais harmônico!

(Álvaro de Campos).

RESUMO: Neste artigo questionamos o modelo de desenvolvimento agrícola, tangenciando alguns pontos que serão explorados mais detalhadamente em nossa dissertação. Começaremos nossa trajetória falando da ascensão burguesa, passando pelos movimentos rebeldes da metade deste século, até chegar aos dilemas da pós-modernidade. Nossa preocupação estará centrada no desaparecimento do conhecimento tradicional em face da adoção de modernas tecnologias agrícolas. Mostraremos então que a intervenção, no meio rural, de agentes como as ONGs (Organizações Não-Governamentais) têm procurado equilibrar o tradicional e o moderno, na busca de um desenvolvimento sustentado.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento; pós-modernidade; ONGs; sustentabilidade.

Introdução

A grande questão que se segue, por anos a fio, é uma só: os modos pelos quais o homem tem se valido na perpetuação de sua espécie.

* Estas reflexões são o produto de um trabalho de conclusão da disciplina Modernidade e Pós-modernidade Cultural, oferecida pela Profª Drª Tânia Pellegrini, no 2º semestre de 1997, na UNESP/Araraquara. Acrescentamos algumas considerações referentes à nossa pesquisa de mestrado neste artigo, visando sua adequação aos objetivos da Revista.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara- SP, sob a orientação da Profª Drª Vera Lúcia Silveria Botta Ferrante

Não bastasse apenas garantir sua reprodução de maneira simples e equilibrada, o mais inquietante é o fato como o faz. Apropriando-se da natureza, diferentemente dos outros animais, sobrepõe-se a ambos. O que se percebe acerca do domínio do homem sobre a natureza não é somente a garantia de reprodução dos seus, mas a satisfação de suas necessidades socialmente fabricadas e que foram nascendo conforme foi se tornando complexa a vida em sociedade.

Desde as primeiras civilizações, ou melhor, tão logo o homem passou a viver em comunidades, já não bastava-lhe caçar e coletar frutos oferecidos pela grande provedora, a natureza. Descobrir meios que lhe facilitassem esse trabalho foi o início de grandes transformações. Contudo, a realidade que verdadeiramente modificou seu modo de vida e radicalizou seu impacto sobre o meio foi a Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX. Sendo a economia de então baseada na urbanização e no consumo de matérias-primas, produzia-se e competia-se cada vez mais. Decorrem daí muitas descobertas, guerras e conquistas, pois não mais era suficiente o que ele enxergava ao seu redor. Além de sonhar muito alto, o desejo e a ambição faziam-no acreditar em tudo poder.

Observamos então um grande contraste entre o tempo de formação e evolução das formas vegetais e geológicas do planeta e o tempo social e histórico decorrido na utilização dessas formas. Ocupar um espaço significa, para o homem, transformá-lo em pouquíssimo tempo.

Não pretende-se aqui, porém, inaugurar um asséptico movimento de limpeza da terra. Erguer a bandeira de morte aos maus e vida longa aos bons. Não é esta a pretensão, mesmo porque isto não é a seleção natural darwinista. Ambiciona-se tão somente lançar algumas reflexões sobre o momento histórico atual recorrendo a acontecimentos marcantes desta incrível trajetória humana.

Existem hoje, entre avanços e retrocessos, novos paradigmas, muitos discursos e uma economia estruturada na acumulação de lucros. Convive-se com a fome e a opulência, a paz e a violência, enfim, todas as possíveis e imagináveis contradições do mundo moderno.

A marcha para o progresso

Não se faz necessário descer tão fundo na trajetória histórica do homem para saber qual foi o momento exato no qual ele começou a desenvolver tecnologias que lhe permitiram viver melhor. A pedra lascada? A descoberta do fogo? A escrita? Todo este conjunto de invenções foi-lhe proporcionando progredir, sair da barbárie e perceber outros modos de vida. Digamos que a imprensa, oferecendo registros de tudo que ocorria, foi a maior revolução a permitir que o conhecimento saísse da mão de uma classe e passasse, mesmo lentamente, às outras.

A começar pela idade das luzes, temos uma meteórica escalada para o progresso. Deslumbrada com o leque de possibilidades das invenções, a Europa iluminista acreditava no desenvolvimento das ciências e dava um grande salto porque:

os pensadores iluministas também queriam dominar o futuro por meio de poderes de previsão científica, de engenharia social e do planejamento racional, da institucionalização de sistemas racionais de regulação e controle social. Eles na verdade se apropriaram das concepções renascentistas de espaço e tempo, levando-as ao seu limite na busca da construção de uma sociedade nova, mais democrática, mais saudável e mais afluente. Na visão iluminista de como o mundo deveria ser organizado, mapas e cronômetros precisos constituíam instrumentos essenciais. (Harvey, 1996, p.227)

Ter domínio sobre o mundo era também poder regulá-lo. Nada mais democrático para tal do que se criar sistemas nos quais o tempo fosse manipulável de modo a beneficiar os iluminados, do poder ou não.

Assim, o século da luzes inaugurava uma nova era, não apenas pelas revolucionárias idéias sociais, filosóficas e políticas, mas também pelo acelerado crescimento das ciências e da técnica, com sucessivas descobertas, invenções e rápida industrialização.

A partir de então, deixava-se uma condição de modos de vida artesanais e mergulhava-se na produção em maior escala. O anteriormente dito doméstico passa a não ter tanto valor.

Emergem novas classes e o enfraquecimento da aristocracia, que nada produzia, permitiu à burguesia a formação de um novo tecido social. Para essa ascendente classe empenhada em fazer girar o capital, não importava se os meios fossem de construção e destruição, afinal, não se podia executar uma transformação sem provocar uma certa tensão entre o novo e o que estava estabelecido.

Assim, o processo global de desenvolvimento econômico, social e tecnológico proporcionava aos indivíduos uma sensação de estar vivendo num mundo pluralista. Se quisessem perceber o que foi esta época bastaria olhar para tudo que nela foi produzido. Das artes até outras concepções no campo das inovações, tudo passa pelo entendimento do limite entre o antes e o depois. Não há melhor explicação para todas essas transformações do que comparar a literatura, a política, a pintura, a moda e a arquitetura dessa época da ascensão burguesa.

Se nesse período a burguesia surgia desestruturando a estabelecida aristocracia, posteriormente surgiriam os movimentos vanguardistas promovendo uma ruptura na arte e espelhando a também conturbada sociedade de então. Reflexos da crise do homem, de “um lado a euforia de sua *belle époque* e, por outro, o pessimismo decadentista do *fin de siècle*” (Teles, 1994, p.27). Toda a inquietação percebida no homem era fruto das experiências passadas e da ansiedade com um futuro no qual, posteriormente, se confirmaria o laboratório mais rico de uma nova estrutura estética, social e moral.

É como se fissuras surgissem numa grande construção e dessem-lhe um aspecto e funcionalidade totalmente novos e distintos. Se a burguesia, através de seu tremendo processo de urbanização e industrialização, vai dessacralizando o que antes parecia intocável e internacionalizando o que era de domínio local, é porque tinha realmente uma enorme força centralizadora, política e produtora. Como diria Marx, essa classe possuía um admirável potencial, verdadeiramente revolucionário pelas transformações promovidas.

Com o modo de produção capitalista, a sociedade e a economia transformaram-se radicalmente. Toda mercadoria produzida tem um valor monetário, garantidor de um lucro ao seu proprietário. A chamada mais-valia, ou seja, o maior valor que se pode obter com um produto, é o sentido que se dá a todas as transações. Juntava-se a esse processo de obtenção de lucros elementos como força de trabalho, exploração e massificação. Era através da produção de mercadorias, em condições de trabalho assalariado, que boa parte dos operários perdiam seu próprio controle. Por um mecanicismo e uma conseqüente bestialização não participavam em decisões técnicas e políticas. Existia, por parte dos detentores do lucro, uma necessidade de regulamentação, de controle social das capacidades físicas e mentais dos indivíduos visando criar uma produção e um consumo massivos.

Esse era o processo de desenvolvimento traduzido em modernização; nada mais do que uma voracidade do sistema capitalista de mercado gerador das mais complexas experiências vividas no tempo e no espaço por todos os indivíduos, sem distinção de gênero.

Essa não diferenciação entre as pessoas, ou seja, essa massificação, era a controladora da sociedade alienada e robotizada, obtida por uma “mistura de repressão, familiarização, cooptação e cooperação, elementos que têm de ser organizados não somente no local de trabalho como na sociedade como um todo” (Harvey, 1996, p.119).

A contradição era observada também pelo esfacelamento de valores da cultura e da política, que analogamente eram lapidados pelo homem e por ele destruídos. Como diria o pintor Léger, “este é o novo mundo, agora homens são máquinas e máquinas são homens” (Piza, 1998, p.56). Mas não era só esse mecanicismo aparente que o artista retirava, por exemplo, de suas impressões da Primeira Guerra: era ainda a decadência e a hipocrisia do mundo.

A partir não só do primeiro mas também do segundo grande conflito mundial, e principalmente do período de intervalo entre ambos, despontaram-se “caminhos até então desconhecidos- como o analisado por Freud e incensado pelos surrealistas” (Piza, 1998, p.56). A ambigüidade de sentidos e sentimentos era marcada pela forma como se

conduziam politicamente as decisões locais e mundiais.

A expansão do capitalismo americano após a Segunda Guerra estende-se pelo mundo e vai se consolidando de uma maneira global. A difusão desse sistema de dominação mascarado gerava um desenvolvimento desigual, principalmente porque os países do Terceiro Mundo não estavam preparados para o processo de modernização. As conseqüências da penetração americana em distintos países desencadeou um novo modo de vida nas populações.

Começaram a surgir desigualdades sociais geradoras de tensões e por parte dos que se tornavam excluídos do sistema, movimentos de combate à crise. Aparecem então os grupos feministas, ecologistas e os anti-racistas, representantes dos menos privilegiados socialmente. Posteriormente, outras minorias vão aderindo à luta conforme aumentava a rigidez dos organismos.

A efervescência do momento, diante da fragilizada qualidade de vida gerenciada pelo Estado e pela economia pautada no modelo fordista de desenvolvimento, faz surgir ácidos críticos sociais. Nas artes, principalmente, observou-se uma enorme contestação e descontentamento com o sistema. É importante ressaltar a contribuição da contracultura, movimento dos anos 60 que colocou em xeque o capitalismo selvagem.

Imaginando que toda essa modificação talvez fosse o início de uma outra fase do capitalismo e que não vivia-se mais numa era moderna, acreditava-se em uma outra periodização, uma era pós-moderna. Principalmente porque o poderio geopolítico dos Estados Unidos estava ameaçado e as correntes oposicionistas pressionavam, marcando a história com a guerra fria.

A era pós-moderna caracteriza-se, então, por um pessimismo político que também não deixa de estar vinculado a um otimismo das possibilidades de consumo capitalista e de todas as maravilhas realizáveis pelo capital. Como afirma Eagleton, “o pós-modernismo constitui o lugar da contradição que ainda habitamos” (Eagleton, 1995, p.67).

Pós-modernidade e sustentabilidade

O processo de modernização do mundo não se efetuou de um dia para o outro, entretanto trouxe mudanças, muitas das quais não foram bem digeridas. Nações inteiras receberam marcas dessas transformações, para não falar no que ocorreu com as pessoas. É possível que muita gente julgue duvidosa a ida do homem à lua, a comunicação via internet, para não mencionar outros acontecimentos. É como questiona George Yudice, acerca da nossa modernização: “num país como o Brasil, em que o computador convive com a enxada, existiria o pós-moderno?” (Souza & Miranda, 1990, p.47).

Se o pós-moderno é uma pluralidade, se é caracterizado por uma multiplicidade de valores, pelo questionamento crítico da sociedade, dentre outros aspectos, ele está bem presente não só aqui mas em toda parte. É nessa controversa relação novo/velho que surgem preocupações com o próximo século e dúvidas que colocam em xeque a sustentabilidade econômica e ambiental do planeta. Torna-se, portanto, urgente repensar os caminhos da modernização sem contudo aderir a modismos ou radicalismos.

Essa preocupação com o avanço internacional da produção industrial e da degradação do ambiente foi observada mais intensamente após a Segunda Guerra e persiste até os dias atuais, não se restringindo ao âmbito das instituições de pesquisa e de outros tantos intelectuais. Foi uma preocupação que espalhou-se, tornando-se cada vez mais abrangente. Vários grupos, de diversos segmentos da sociedade, interessaram-se pela perspectiva ecologista. Alguns viveram intensamente a rebeldia dos anos 60, da contracultura, do movimento *hippie*, maio de 68 e a liberação do corpo e da alma com o balanço do *rock'n roll*. Outros vieram do movimento pacifista, do feminismo, de pequenos grupos espirituais, das lutas políticas pela transformação social e também das sonhadas comunidades alternativas. Estas últimas, baseadas na igualdade e fraternidade, eram projetos muito antigos que floresceram não apenas literariamente; em muitos lugares chegaram a existir, porém, acabaram não frutificando.

Contudo, o que se tem notado é a atomização do homem por

uma civilização cada vez mais industrializada. Em decorrência disso, vê-se perdida sua capacidade de resolver problemas comunitariamente. Com o dinheiro, tudo é permitido; paga-se por sua força de trabalho, por sua saúde, lazer e até por sua psiquê, já que o homem pós-moderno é acometido também por males pós-modernos. O que é mais inquietante, porém, é como construir formas socialmente justas e que permitam a existência de uma sociedade menos opressiva nesse contexto. Afinal, o “século XXI terá de reinventar a relação do homem com a Terra” (Virilio apud Milan, 1997, p.4). Essa relação passa certamente pelo âmbito da enxada e do computador, ou seja, de se pensar em soluções como reforma agrária, tecnologias que causem menos impactos negativos ao homem, ao meio-ambiente e outras mais.

Atualmente, nesta crise acerca do descompasso da técnica e do avanço da técnica, rumo ao século XXI, perguntamo-nos o que ainda está por vir. Pairam no ar graves proposições acerca da providência a ser tomada com a poluição da água, do ar, a contaminação por uso indiscriminado de agrotóxicos, o acúmulo de lixo nas cidades, o contigente cada vez maior de excluídos e o esgotamento de matérias-primas minerais e vegetais. É uma interminável lista de questões já tão bem familiarizadas em nossos discursos e lamentações, mas que ainda clamam por soluções.

A pós-modernidade trouxe em sua bagagem uma crise que nos coloca à beira de

uma grande revolução industrial: é a revolução informacional ... Se o poder político não for capaz de controlar o desenvolvimento técnico dos autômatos, dos sistemas de produção, do mercado, iremos em direção a uma sociedade que terá duas velocidades: formada por uma elite e os miseráveis. (Virilio apud Milan, 1997, p.4)

Embora pareça pessimismo, tudo isso é muito real. Para resolver alguns desses problemas da crise econômica, o que os burocratas tem feito é readaptar o gerenciamento da estrutura. A substituição de trabalhadores por máquinas é um exemplo claro. Assim, fruto dessa situação, surge a cultura do descartável. Nada mais tem durabilidade ou

vida longa. Essa volatilização não se dá apenas ao nível dos objetos, mas das pessoas e também de suas relações com o meio.

Torna-se difícil apegar-se às pessoas, às causas, às idéias e projetos. É mais fácil comunicar-se na infóvia do que ceder às primitivas formas de relacionamento. Estabelecer elos de solidariedade em prol de causas comuns e pela participação democrática podem parecer distante.

O individualismo foi um traço muito bem trabalhado pela cultura estruturada na concorrência. Característica pós-moderna que vem norteando a vida de milhões de indivíduos que passam a não se importarem com valores tradicionais. Família, vida em grupo, religiosidade, ideologia e ação solidária passam a não constar mais de seus vocabulários. Essa questão reflete, sem dúvida, um ponto delicado, que requer reflexões e busca de alternativas.

Sabe-se da insustentabilidade deste sistema econômico. Entenda-se por sustentável, entre o oceano de definições apresentadas em diversificados estudos, tudo aquilo que possa se estabelecer e se garantir de forma social, econômica e ecologicamente justa no presente e no futuro. Neste caso, é importante estarmos pensando nas gerações futuras e é sabido que tal preocupação não é de hoje. Camada de ozônio, destruição de florestas, melhoria na qualidade de vida, são um discursos bem conhecidos. Parece alarmante, porém, que, apesar de serem antigos pontos de pauta, eles não tenham sido ainda esgotados. Talvez seja melhor pensar como no caso do médico que, ao receitar um remédio para determinado órgão, acaba por comprometer outro. É uma situação complexa, mas para resolvê-la, é preciso alterar algumas formas já falidas de gerenciamento do Estado e da sociedade.

Algumas proposições podem ser encontradas de forma bem mais simples do que se imagina. Uma sugestão talvez possa ser a de uma mudança cultural e posteriormente política. Para tanto, não há como romper o entrelaçamento da pós-modernidade e da sustentabilidade. Embora sejam conceitos altamente divergentes, não há como separá-los. Enquanto o primeiro é fragmentado e volátil, o último é multidisciplinar. Talvez esteja exatamente aí o ponto a se considerar: poder aglutinar

variadas diretrizes, ou seja, os distintos campos fragmentados de cada área do conhecimento, que compõem o desenvolvimento sustentável com a pluralidade pós-moderna. Não será uma mistura explosiva, mas algo que esporadicamente gostaríamos de observar em nossa sociedade.

Mesmo existindo o individualismo, a desarticulação da sociedade, o enfraquecimento do estado e todo um pessimismo característico de fim-de-século, não é raro nos depararmos com organizações, grupos e sindicatos de minorias consideradas excluídas do sistemas, mas que estão aí lutando.

A questão fundamental agora é atingir um nível de participação que garanta uma cidadania de fato e não apenas no papel. Como é o caso da Constituição, na qual não falta educação, saúde e direitos, na qual não há restrições ao sexo, à religião e à ideologia, dentre outros pontos. Tudo muito bem teorizado, mas que precisa ser praticado, com seriedade, não importa se apenas localmente.

Se a era pós-moderna está em crise, cabe ao homem encará-la e formular uma nova agenda para desvencilhar-se dessa crise. O que não implica dizer que a tecnologia irá, a partir de clonagens sucessivas, construir um super-homem. Super-heróis existem como paliativos.

A degradação que se tem visto sugere algo mais audacioso e que certamente está ao alcance do homem.

A enxada e o computador: o verdadeiro nó da questão

A crise da pós-modernidade, encarada como a crise das ideologias, ou dos paradigmas, é também a crise das aflições criadas pelo homem e pelas quais ele transita na sociedade.

Tentando conviver com esses conflitos, de maneira que eles não conduzam o ser humano para um labirinto sem fim, perguntamo-nos: como conciliar, nesta sociedade, os avanços e os atrasos da tecnologia?

Poderíamos estar generalizando estas preocupações num contexto global, mas vamos nos ater aqui ao setor rural, para sermos fiéis ao nosso objeto de pesquisa no mestrado.

A modernização agrícola que ocorreu nas décadas de 60 e 70, tida como a grande vilã, em decorrência das muitas transformações no meio-ambiente, nas novas concepções de lidar com a terra e os animais, também proporcionou alguns benefícios.

Em se tratando de especialização, a derrocada da pesquisa agrícola tem sido extraordinária, sem falar no grau de eficiência adotado em muitos sistemas agropecuários. Essa eficiência motivou um certo reducionismo nos velhos e antigos hábitos de cultivo e de criação, ocasionando, em contrapartida, dois planos bem distintos: um setor altamente tecnificado e capitalizado e outro que caminha à margem do primeiro, sofrendo com a falta de políticas que lhe permitam a inclusão social.

A falta de uma melhor infra-estrutura que acomete diversos produtores leva-nos a questionar se a enorme distância existente entre o desenvolvimento de novas tecnologias e a sua instalação nas pequenas propriedades podem conviver sem que uma elimine a outra. Será possível que continue esse desenvolvimento tão contraditório?

Acreditamos na existência de soluções, mesmo porque é a própria trajetória da agricultura que nos mostra ser possível o equacionamento entre a enxada e o computador.

Nossa pesquisa de mestrado investiga as ações de ONGs (Organizações Não-Governamentais) centradas na linha da agroecologia, atuantes no Estado de São Paulo. A partir da investigação dessas organizações em outros estados, através de pesquisa bibliográfica, relatos orais de membros do movimento e até do acompanhamento rápido de uma organização específica, percebemos que a enxada não elimina o computador e vice-versa. Melhor explicando, a adoção de tecnologias alternativas no campo, que visem a promoção do desenvolvimento, pautado na preservação do meio-ambiente, na utilização de tecnologias menos agressivas e na conscientização do produtor rural, não impede

¹. A AS-PTA surgiu no final dos anos 80 e é constituída por uma rede de ONGs do segmento agroecológico, presente em vários estados do Brasil. Atua na qualificação de projetos agrícolas com tecnologias alternativas ao modelo convencional, e na capacitação política dos produtores familiares.

que também sejam empregadas práticas altamente modernas, como as descobertas da biotecnologia.

É possível resgatar técnicas rudimentares, criadas por nossos antepassados no manejo agrícola e associá-las às facilidades das técnicas agrícolas pós-modernas. Acreditamos que existam vários agentes capazes de encampar essa luta. É possível efetivar alianças entre vários segmentos, como o Estado, Centros de Pesquisa, Universidades e ONGs, no sentido de buscar um desenvolvimento sustentado e que antes de tudo seja pluridisciplinar.

Mas precisamos ser críticos o bastante para percebermos que, por trás das ações de muitas ONGs, podem estar escondidos lobos em pele de cordeiro. Assim como em outros órgãos, pode haver uma bela mobilização nessas ONGs em prol da sustentabilidade, que na verdade agiriam buscando benefício próprio.

Acreditamos que não há como banir a tecnologia, apregoando-lhe toda culpa pelas mazelas sociais e ambientais. Não há como ser tão radical a ponto de perder o bom senso e dizer que um é melhor do que o outro, ou ainda, que importa agora reverter todo o desenvolvimento, favorecendo um resgate de todas as técnicas simples de outrora. Mesmo porque o atual sistema já não mais as comporta.

No sentido de acreditarmos na possibilidade de associação entre enxada e computador e na viabilidade de sistemas centrados na diversidade, é que novamente enfatizamos a importância da ação de atores como as ONGs agroecológicas. Os exemplos, mesmo que em ações pontuais, mostram-nos esse caminho.

Recente trabalho desenvolvido pela Rede AS-PTA¹, que mobilizou produtores familiares de muitos estados brasileiros, conseguiu recuperar variedades de milho (“*Zea mays*”) que apresentavam caracteres altamente interessantes e que deixaram de ser cultivadas devido à adoção do milho híbrido. Esse trabalho teve ótima repercussão, sendo também apoiado pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).

Uma outra grande ONG, que merece destaque em suas ações, é

a FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional), atuante também no setor urbano. A FASE possui um “Equipe de Pesquisa e Assessoria em Áreas Rurais” que como a AS-PTA tem um trabalho de contribuição na construção de um desenvolvimento sustentado, com práticas bastante distintas do modelo extensionista difundido por órgãos estatais.

Poderíamos aqui relacionar várias ações e explicitar suas diretrizes de atuação, bem distintas de outros setores, como partidos políticos, sindicatos e igreja envolvidos na promoção do desenvolvimento. Mas não é nosso objetivo. Aqui apenas desejamos colocar a reflexão da possibilidade de associação entre avanço tecnológico e práticas simples, procurando explicar a razão dela ocorrer ou não em ações locais.

Considerações finais

A grande preocupação deste período pós-moderno fragmentário e distorcido é repensar condições e respostas reais para os problemas que se impõem. Isso está condicionado à proposição de uma nova agenda, de auto reflexão, de novas diretrizes formuladas não por heróis, mas por críticos sociais verdadeiramente compromissados e também por toda sociedade. A construção de um projeto de desenvolvimento sustentável será conflituoso e complicado.

Contudo, é preciso acreditar que existem muitas possibilidades e que a utopia hoje não está em acreditar que podemos seguir caminhos diferentes, mas sim em crer que poderemos seguir por muito mais tempo o atual caminho.

É preciso associar à visão de sustentabilidade uma nova política que incentive formas alternativas de tecnologia e organização do trabalho, criando indústrias menos agressivas ao meio-ambiente. A natureza não é apenas a eterna fornecedora nessa inesgotável relação de apropriação. É preciso enxergar que ecologia e economia andam juntas e não podem estar dissociadas. A economia é a ciência que lida com o planejamento e a escassez para satisfazer as necessidades humanas, referindo-se apenas à ação materialista, ao passo que a ecologia examina o relacionamento entre todas espécies. A combinação das duas é essencial para a dinâmica

da sustentabilidade. As necessidades exigidas para um desenvolvimento sustentável não são apenas técnicas ou biológicas, mas sociais, políticas e econômicas. Não há como operacionalizar mudanças sem passar por esses setores e ainda ter atitudes humanas de coexistência e não somente de exploração.

A nova realidade deve reexaminar uma possível desestruturação da poluição social e da miséria causada pela ausência de condições de vida decentes, associada a alternativas como uma reforma agrária planejada, que garanta não só o direito de posse da terra como seu uso racional. Valorizar a diversidade cultural, garantir o espaço das minorias e a possibilidade de cada indivíduo desenvolver suas potencialidades ajustadas ao contexto global e harmônico fazem parte de alternativas que, embora pareçam distantes, não são impossíveis.

Referências Bibliográficas

- EAGLETON, T. Capitalismo, modernismo e pós-modernismo. *Crítica Marxista* (São Paulo), n. 2, 1995.
- MILAN, B. *A catástrofe urbana* (entrevista a Paul Virilio). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 set. 1997, Caderno Mais, p.4-5.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- PIZA, D. A engrenagem de Fernand Léger. *BRAVO*, São Paulo, ano 1, n.5, fev. 1998, p.54-7.
- SOUZA, E. M., MIRANDA, W. M. O pós-moderno em debate (entrevista a George Yudice). *Ciência Hoje*, n. 62, março, p.46-57, 1990.
- TELES, G. M. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

Bibliografia Consultada

- ALTIERI, M. *Agroecologia*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

- ANDERSON, P. Modernidade e revolução. *Novos Estudos Cebrap*, n. 14, fevereiro, 1996.
- BECKER, B. K. , MIRANDA, M. *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- CAMPOS, A. Ultimatum In: TELES, G. M. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 262-3.
- EHLERS, E. *Agricultura sustentável*. São Paulo: Livros da Terra, 1996.
- LAGO, A. , PÁDUA, J. A. *O que é ecologia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MARX, K. , ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- RODRIGUES, A. M. (Org.) *Desenvolvimento sustentável: teorias, debates e aplicabilidades. Série Textos Didáticos, IFCH/UNICAMP (Campinas), n. 23, maio, 1996.*
- SANTOS, B. de S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1997.
- TAVARES, C. A.P. *O que são comunidades alternativas*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- WOOD, E. M. Em defesa da história: o marxismo e a agenda pós-moderna. *Crítica Marxista* (São Paulo), n.3, p.118-27, 1996.